A Entrevista

Sem santo nem senha

POR **JOAQUIM LEITÃO**

S. M. EL-REI D. CARLOS I, o maior diplomata portuguez do nosso tempo

N.º 15 — Numero avulso 60 reis — 26 - II - 1914

A ENTREVISTA

Numeros publicados:

Numero 1. — Entrevista com JOÃO D'AZEVEDO COUTINHO.

Numero 2. — Entrevista com o notabilissimo estadista hespanhol D. EUGENIO MONTERO RIOS.

Numero 3. — Entrevista com o Sr. CONDE DE MANGUALDE.

Numero 4. — Entrevista com o antigo Ministro do Mexico em Paris, D. MIGUEL DIAZ LOMBARDO.

Numero 5. — Entrevista com o DR. CUNHA E COSTA.

Numero 6. — Entrevista com FERREIRA DE MESQUITA, ajudante do Sr. Conde de Mangualde.

Numero 7. — Entrevista com o PADRE DOMINGOS — O guerrilheiro de Cabeceiras de Bastos.

Numero 8. — Entrevista com a Senhora Marqueza de Rio-Maior sobre a SENHORA D. JULIA DE BRITO E CUNHA.

Numero 9. — Entrevista com o Sr. Conselheiro JOSÉ D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO.

Numero 10. — Entrevista com o PADRE AMADEU DE VASCONCELLOS (MARIOTTE). Primeira parte.

Numero 11. — Entrevista com o PADRE AMADEU DE VASCONCELLOS (MARIOTTE). Segunda parte.

Numero 12. — Entrevista com JOAQUIM OEIRAS — Historia d'uma evasão do presidio d'Elvas.

Numero 13. — Entrevista com o CAPITÃO-TENENTE DA ARMADA BRAZILEIRA SR. AMERICO PIMENTEL — Commemorando a Retirada do Sr. Bernardino Machado — A Republica Portugueza e a Republica Brazileira.

Numero 14. — Entrevista com o DR. LUIZ TELLES DE VASCONCELLOS — Duas vezes preso — Percorrendo nove cadeias, algumas d'ellas duas vezes — Uma enxovia horrorosa — Na Trafaria: — Despedida commovente d'um tuberculoso que, ao sentir-se morrer, quer confessar-se — Manifestação macábra ao cadaver do Tenente Alberto Soares assassinado em Lisboa — Narrativa d'alguns horrores dos carceres — A fuga do presidio de S. Barnabé — Illusões e enthusiasmos — Desilludido.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica, collaborada pelos principaes escriptores portuguezes. Reproduz em formosas e numerosas gravuras os factos mais importantes do paiz e do estrangeiro.

Assignatura annual, 2$400 — Semestre, 1$200 — Avulso, 60 reis

Pedidos ao proprietario **Joaquim Antonio Pereira Villela**, R. Martyres da Republica - **Braga**

S. M. El-Rei D. Carlos I

O maior diplomata portuguez do nosso tempo

A ENTREVISTA

Sem Santo nem Senha

POR

JOAQUIM LEITÃO

N.º 15 — 26-2-1914

ANTES DA ORDEM DO DIA[1]

(AINDA A ENTREVISTA MARIOTTE)

Antes de entrarmos na ordem do dia, isto é, no assumpto d'este numero, quer a nossa norma de correcção que aqui façamos uma declaração peremptoria.

Ao nosso n.º 11, em que demos a conclusão da Entrevista-Mariotte — que n'essas paginas expunha a doutrina monarchica — referiu-se a *Nação*, jornal miguelista.

Essa referencia, feita no seu artigo editorial, começa assim:

«*Por differentes vias e de diversos pontos do paiz, chamam a nossa attenção para o final do ultimo numero da «Entrevista»*.

Se a *Nação* não tivesse a engraçada pretensão de pôr de parte os homens que não rezam pela sua cartilha, daria pelo que esses homens escrevem mesmo antes de os seus correligionarios lh'o assignalarem. Incidentalmente, apenas incidentalmente, porque ao caso não ligamos a menor importancia, convidamos a *Nação* a reflectir que não se põe de parte um homem quando elle não está disposto a consentir em tal. O facto de a *Nação* nos não ler, não impede que o paiz nos leia, e nos leia o bastante para esta modesta publicação poder viver sem santo nem senha, sem ser orgão de ninguem, sem patrões nem patrônos, sem representar *cotteries*, gremios ou ligas de homem ou de mulher.

A prova é que de differentes *pontos do paiz* chamam a sua attenção para a *Entrevista*.

Não tem desculpa a *Nação* de andar tão distrahida, porque nós não temos faltado á praxe do jornalismo, enviando-lhe a nossa publicação, sem nos importarmos que a *Nação* se aggrave a si propria não correspondendo á permuta.

A *Nação* recebe a *Entrevista;* nós é que não recebemos a *Nação*. Se a recebessemos, esta nossa nota teria sido inserta logo no n.º 13, publicado no dia 11 de fevereiro, não podendo nunca ser antes, visto como o n.º 11 saiu a 31 de janeiro, e a *Nação* se lhe referiu a 3 de fevereiro.

Como a nossa penosa vida de exilio nos não permitte assignar todos os

---

[1] Retardado pelo correio este original, que nos chegou ás mãos depois de estar na machina o nosso n.º 14, só n'este n.º 15 o podemos publicar.

Nota do Editor.

jornaes, devemos a um amigo a attenção de nos dar o numero de 3 de fevereiro da *Nação*, o que succedeu no dia 7, quando o original do nosso n.º 13, que viu a luz a 11 do corrente, já tinha seguido para o Porto, onde é impresso e publicado.

Têmos pena porque em materia de correcção não gostámos de demoras.

O artigo em que a erudita penna do sr. João Franco Monteiro se occupa do n.º 11 da *Entrevista*, reporta-se em geral ao sr. Amadeu de Vasconcellos (*Mariotte*). Desde que esse ponto do nosso numero levantou reparos, é nosso desejo e dever declarar que, por uma serie de circumstancias fortuitas, não lêmos ao sr. Mariotte o original da materia que está comprehendida entre paginas 171 e 178.

O tratamento que demos ao filho de D. Miguel I é, pois, da nossa exclusiva responsabilidade. O filho de D. Miguel I, como primogénito de rei, tem o titulo de principe, e não de infante. Toda a gente sabe isso, e nós que não temos a ridicula puerilidade republicana de desapossar as pessoas reaes dos titulos que a sua alta genealogia lhes garante — nem lh'o negamos nem o discutimos.

Isso não tem, porém, importancia. Um engano quem quer o tem, e a *Nação* quanta vez se tem enganado no tratamento a sua S. A. R. o sr. D. Miguel. Quanta vez a temos surprehendido a chamar-lhe D. Miguel II! Engano, puro engano que nenhum publicista, escriptor ou historiador lhe levou a mal. E todavia quer-nos parecer que é um erro de arithmetica, para não dizermos á sapiente *Nação* que produziu um erro historico. D. Miguel II? Segundo em quê? Costuma numerar-se os reis do mesmo nome, para se distinguirem; mas S. A. R. o sr. D. Miguel, filho de D. Miguel I, não foi rei de Portugal, para que a *Nação*, com verdade historica o trate por «D. Miguel II».

Mas continue a *Nação* a dar ao principe o tratamento que lhe aprouver. Nós é que não queremos que fique, sem correcção escripta por nosso punho, o lapso do tratamento de infante que lhe demos no nosso numero 11.

Fazemos esta declaração sem receio de que nol-a malsinem.

Para se confessar um erro é preciso mais coragem do que para sustentar um acerto, porque se torna necessario inclusivamente não ter mêdo de que os cobardes e os fadistas digam que é mêdo. Essa coragem temos, graças a Deus! como hemos sempre disposto da coragem que nos tem sido precisa em todos os actos da nossa vida.

Só desconhecemos uma coragem: a de ser mal-educado ou pertinaz n'um lapso.

A *Nação* encontrar-nos-ha quando quizer em todos os campos que deseje avistar este seu humilde e irreductivel adversario, mas nunca por nossa parte, lhe offereceremos combate que tenha suas origens em maltratar as suas affeições ou os seus cultos, sem sermos obrigados pela verdade dos factos.

O sr. Mariotte, que desconhece esta nossa declaração, ha-de querer assumir a responsabilidade de tudo quanto se lê na conclusão da sua valiosa entrevista.

Não o consentimos nós.

Está por nascer o primeiro jornalista que nos dê lições de lealdade.

A politica externa nas democracias

Os diplomatas republicanos portuguezes — O Ministro da Republica em Londres — O Congresso Internacional de Medicina e o Arcebispo de Westminster — A historia do contra-annuncio da visita do navio de guerra inglez ao Tejo — Os ministros portuguezes em Hespanha — O sr. Lambertini e a Rainha Margarida — O Ministro da Republica em Berlim — O sr. Bernardino Machado no Brazil — O que pensa a Republica da politica externa — El-Rei D. Carlos e o sr. Arriaga — Bismark e a Republica Franceza.

Antes de recapitularmos o problema da politica externa nas democracias, e de abordarmos essa verdade, já comesinha para todo o cérebro soffrivelmente orientado, da democracia collocar todo e qualquer paiz — a França, que é a França! — em manifesta e provada inferioridade na politica exterior, passemos uma vista de olhos pelo album da diplomacia republicana portugueza.

Comecemos por Londres que, dada a capital importancia que nas nossas relações internacionaes tem a côrte de *St. James*, para lá deve ter mandado a republica portugueza, como fazem todas as chancellarias do mundo, o seu mais experimentado diplomata.

A legação da Republica, em Inglaterra está, desde o recemnascer do regime, entregue ao sr. Teixeira Gomes.

Quem é este sr. Teixeira Gomes? As gerações academicas de ha trinta annos talvez se lembrem de um estudante com esse nome, não pelos seus triunphos mas pelo seu cynismo que como se verá, foi sempre o que o distinguiu: na Praça Nova, do Porto, na litteratura e na legação da Republica, em Londres. Estudantinho, a bortoêja litteraria do rapaz manifestava-se n'esta e n'outras irreverencias, declamadas á porta do *Café Camanho*:

— «Venho de alliviar os rins em cima do tumulo do Soares de Passos!...»

—E, dito isto, dava ao sr. João Chagas a honra de lhe ir conprar cigarros, missão que o actual ministro da Republica em Paris desempenhava então com desvanecimento de admirador. Não dando conta de si, um dia supprimiram-lhe a mesada, e o litterato emergindo na ceira paterna, fez-se vendedor de figos. E' até hoje, e decerto até amanhã, a sua melhor obra: o desenvolvimento dado á ex-

portação do figo e da amendoa do Algarve. De quando em quando sahia para o extrangeiro, em cobrança, e mezes e mezes era dado como perdido nos escuros das cathedraes, escrevendo para Paris uma correspondencia cynica, em postaes illustrados. Ha meia duzia de annos, fez a sua estreia serodia de litterato, n'uma forma morbida, mera confirmação da sua amoralidade, e do seu scepticismo que não é a melancolia desinteressada do homem sem ideal nem fé, mas a grosseira ostentação de um cynismo que começou por ser litteratura e acabou temperamento.

A Republica, seguindo aliás como em tudo apenas os erros da monarchia, escolheu pelo criterio metalista o seu ministro para Londres; «O Teixeira Gomes é rico, o Teixeira Gomes é que convém para Londres. Além d'isso fala inglez».

E dito e feito, é nomeado o antigo patrão do sr. João Chagas e outros plumitivos d'aquella geração de litteratos falhados, para empregado da republica na capital ingleza. Ao ver-se hombrear com homens que para irem alli representar os seus paizes passaram por longas e serias provas, só lá chegando ao cabo da carreira, o primeiro acto d'este vendedor de fructa foi deitar o cómico manifesto ao povo inglez. Teve a vantagem das primeiras palavras d'aquelle tolinho a quem a mãe recommendára que não falasse para não dar a conhecer a sua falta de juizo, e que tendo-lhe escorregado a lingua, disse para a auctora dos seus dias: — «O' Mãe! agora possa falar que elles já me ficaram conhecendo!»

O mais curioso é que n'esse homem não reside apenas a decidida incompetencia para presidir a uma legação, como a de Londres — ou outra qualquer —, n'esse homem amoral a falta de senso moral vae até ao ponto de vir para Paris rir-se da *gavrochada* do manifesto que, como ministro da republica portugueza em Inglaterra dirigiu ao povo inglez, com a facil ligeireza com que expediria aos seus freguezes uma circular, communicando-lhe uma alteração de preços. Para o sr. Teixeira Gomes o seu celebre manifesto ao povo inglez não foi uma infortunada symphonia na sua grelada carreira de diplomata; foi uma *partida*, uma irreverencia, para dar a nota de *gavroche* intellectual. Quando um homem, já de cabellos brancos, e investido de uma missão tão séria, como é a legação em Londres, se ri da propria incompetencia, e vem para os *boulevards* fazer praça das proprias leviandades assignadas com o Sêllo de ministro plenipotenciario, o unico favor que o paiz onde o acreditaram e elle se desacreditou, para os negocios politicos, nos póde fazer, é não lhe ligar importancia, desfazendo assim a confusão de ser como elle o paiz que elle suppõe representar.

E' o que tem feito a Inglaterra, a começar pelo proprio Rei Jorge V, que nunca sentou á sua meza o ministro da Republica Portugueza. O sr. Teixeira Gomes tentou ser admittido na côrte, e para se insinuar na Familia Real Ingleza empregou os unicos processos que lhe eram familiares, de cortejar as creadas das casas de hospedes e as môças de lavoura: o lencinho bordado. Encommendou para Peniche uma, dizem que riquissima, barra de lenço, e uma vez munido do famoso lenço em rendas de Peniche, pediu uma audiencia á Rainha de Inglaterra. Mandando o prótocollo declarar o fim do pedido, o sr. Teixeira Gomes annunciou que era para «presentear sua magestade a Rainha com um lencinho». Nunca lhe havendo sido marcada a audiencia para entregar a «prenda», o sr. Teixeira Gomes soube, por qualquer amigo talvez mais habituado do que elle a tratar com

senhoras, que o que elle devia offerecer a Sua Majestade a Rainha de Inglaterra era flores. O exportador algarvio encommendou uma jarra em louça das Caldas, para offerecer a qual tambem nunca obteve a necessaria audiencia.

E conta-se que, ousando uma vez o ministro inglez lembrar ao Rei Jorge v o nome do sr. Teixeira Gomes para ser incluido na lista dos convidados para jantares do Paço, o Rei Jorge, com a decisão de um soberano que sabe occupar o seu logar, respondeu: — «Quem manda na minha casa sou Eu. E só sento á minha meza, as pessoas que me apraz.»

Até hoje ao Rei Jorge v ainda não aprouve sentar á sua meza o sr. Teixeira Gomes.

Para um diplomata de *verdad*, qualquer d'estes precalços, — suppondo que um diplomata ou sequer um homem bem educado podia cahir na rapaziada do manifesto ou na historia do lencinho —, era bastante para pedir os passaportes ou partir mesmo sem elles, sob a protecção de qualquer engajador de emigração clandestina. Para o sr. Teixeira Gomes foram gottas de orvalho cahindo sobre a peripheria cortical d'um sobreiro. Lá continua vivendo uma vida áparte, ignorado do corpo diplomatico, ignorado da Familia Real e da côrte, ignorado do mundo politico, ignorado do meio mundano, e ignorando tudo: como se cumprimenta uma senhora, como se representa uma chancellaria, como se está a uma meza, como se tratam Reis e como se tratam negocios de Estado, que vão por criterio bem differente do dos negocios das pássas e dos figos.

Em tres annos, o sr. Teixeira Gomes não logrou garantir á republica o mesquinho acatamento de que póde gozar-se qualquer vaga republica sul-americana. A Inglaterra ou ignora a republica, ou a despreza. O XVII Congresso Internacional de Medicina, celebrado em Londres, em agosto de 1913, teve para a Republica Portugueza esses dois aspectos. No recinto do congresso, a bandeira arvorada em honra dos congressistas portuguezes era a bandeira azul e branca: a Inglaterra desconhece a bandeira da Republica. O hymno tocado, quando os medicos portuguezes acabavam os seus discursos, foi o *Hymno da Carta*: a Inglaterra ignora a *Portugueza*. E, escusava o ministerio da Instrucção de andar para ahi com comedias de inqueritos e de conselhos disciplinares aos professores que representaram o paiz n'esse congresso medico, se soubesse ou reflectisse em que essa attitude do congresso não foi assumida em honra nem em preito de qualquer sentimentos monarchicos de qualquer dos medicos portuguezes, presentes no congresso. Só quem não poz os pés em Londres, depois de proclamada a Republica, ignora como é desagradavel e perigoso declarar a nossa nacionalidade portugueza, se nos não apressarmos a ajuntar a declaração de que não somos republicanos, e portanto que não somos parentes nem adherentes dos que em 1908 assassinaram dois Cavalleiros da Jarreteira.

A bandeira azul e branca, com corôa, arvorada nas salas do XVII Congresso Internacional de Medicina, e o *Hymno da Carta* lá entoado estão explicados por todas as mais desconsiderações que os portuguezes lá soffreram: para a maior parte das festas, os medicos portuguezes não tiveram convite, e para a recepção da da Camara Municipal só o Prof. Luiz Viegas, ornamento da Escola Medica do Porto, delegado ao Congresso, e o secretario dr. Urbano Cardoso foram convidados. Mas não receberam convite as respectivas consortes, e quando elles chegaram não as deixa-

ram entrar. Foi preciso o dr. Urbano Cardoso ceder o bilhete d'elle á esposa do illustre Prof. Viegas e... ir-se embora. E tudo isto e o mais, está comprovado pela oração do Arcebispo de Westminster que disse abertamente *muito estranhar que alli fossem admittidos portuguezes.*

E, para coroar esta serie de desconsiderações a um paiz que está sendo victima do inferior plano em que nas relações externas o colloca a sua democracia, ha o contra-annuncio da visita do navio da marinha de guerra ingleza a Lisboa.

Como foi publico, e assaz festejado pela imprensa republicana, em outubro de 1913 esteve annunciada a ida d'um navio inglez ao Tejo. Prepararam-se festejos, o governo chegou a elaborar o programma da recepção official. A ida do navio ao Tejo significava a resposta da Inglaterra, á base 8.ª do tratado *Franco-Hespanhol,* assignado em Madrid, por occasião da visita de Poincaré a Affonso XIII. Ora até hoje o navio não appareceu no Tejo, e só se tem dado por navios de guerra inglezes passando a todo o vapor na nossa costa, que mal dão tempo a ser notados pelo semaphoro de Oitavos.

Porque não foi o navio da marinha ingleza ao Tejo, em outubro de 1913?

Estamos habilitados a contal o, em todos os seus detalhes, e havemos de contal-o um dia. Hoje, não. Hoje limitamo-nos a affirmar-lhes que o contra-annuncio da visita do barco inglez, em outubro findo (unico momento na vida da republica em que se fallou da ida de um navio da marinha de guerra de S. M. Britannica ao Tejo) é mais uma prova de que *nas democracias não pode haver politica externa.*

O assumpto é capital e extenso, e nós que queremos tratar esse capitulo da *doutrina monarchica* com o vagar e desenvolvimento que elle merece, continuaremos nos numeros seguintes, sem prejuizo de irmos estudando outros assumptos da politica nacional, como a reforma do exercito de que n'uma entrevista com o tenente Saturio Pires e n'outra com o capitão do Estado Maior Conselheiro Ayres d'Ornellas, em que ha novos pontos de vista sobre o problema militar portuguez, nos occuparemos já no proximo numero.

Mas, sem prejuizo d'isto, iremos continuando o estudo da *politica externa nas democracias,* um dos pontos melhos estudados pela *doutrina monarchica* e um dos males mais averiguados da decadencia dos povos sob os regimens republicanos.

A REPUBLICA PORTUGUEZA E A REPUBLICA BRAZILEIRA

II

ENTREVISTA

COM O

SR. JOSÉ DE FARIA MACHADO,

Secretario de Legação de Sua Magestade Fidelissima.

A noticia da proclamação do regimen republicano em Portugal chega á Legação do Rio de Janeiro — O Conde de Selir, ministro de Sua Magestade Fidelissima no Brazil — A sua situação no Itamaraty — Perfil do Barão de Rio Branco — As suas distrações — O seu gabinete — A obra diplomatica do Conde de Selir — Historia do reconhecimento da Republica Portugueza pelo Brazil — João de Souza Lage, o senador Azerêdo e o sr. dr. Bettencourt Rodrigues — Declaração e attenção do Barão de Rio Branco para com Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Manuel — A despedida do Conde de Selir, do Rio de Janeiro — Um radiotelegramma do Barão de Rio Branco ao Conde de Selir, para bórdo do vapor em que saiu da capital Federal — Interessantes notas ineditas.

Quem diz José de Faria Machado, diz um figurino exuberante, um par de luvas claras e uma risada mordente, tanto mais mordente quanto chega, á espinha dorsal dos pobres mortaes, filtrada por um rico estofo de elegancia intellectual.

Lisboa via-o á porta do *Borges*, no Chiado, olhando impertinente e superior o derreado transeunte, e Lisboa suppunha conhecê-lo, resumindo:

— Um *poseur* insupportavel!

E detestava-o, detesta-o talvez ainda com esse invio rancor que os pobres de espirito teem pelos ricos de espirito.

Afinal Lisboa não conhecia José de Faria Machado.

Tinha-o por um cynico, e proclamada a Republica, que podia ser para elle, como foi para tantos outros «Sem-vergonha» da diplomacia, uma verdadeira sorte grande, José de Faria Machado, já secretario de legação, com pratica da carreira, com talento, com tantas qualidades para subir ra-

pidamente essa ampla escadaria da promoção, n'um regimen em que ha crise de pessoal, n'um regimen que fazia a côrte aos novos, deu a sua demissão.

Ahi está como Lisboa o conhecia, e como o mundo conhece os homens.

Todavia, não foi a primeira prova de lealdade, na sua carreira. Pouco antes de cahido o regimen, foi chamado a Lisboa; queriam d'elle um serviço eleitoral; em troca, offereciam-lhe um accesso na carreira. Respondeu:

— «Isso que V. Ex.ª me pede seria uma traição ao meu partido. Nada devo da minha carreira ao partido progressista, mas não faço por preço algum uma deslealdade».

Proclamada a republica, despiu a farda de secretario de legação, e foi para Hespanha. Ha tres annos o encontrei n'uma aldeia do extremo da provincia de Zamora, mettido n'um *pouche* improvisado de um cobertor de papa, a que tinha feito um buraco e enfiado pela cabeça, á moda *gaucha*. Dentro d'esse disfarce de homem das *pampas*, José de Faria Machado tinha o mesmo grande ar e a mesma incorregivel litteratura que dentro dos seus jaquetões, de largos quadrados inglezes.

Passaram muitas aguas por baixo das pontes, e este anno fui dar com elle em Vigo: era a mesma apparencia theatral, o mesmo declamador, o mesmo *blagueur*. Mas n'esse rapaz, de um autentico temperamento litterario, que tanta gente gravemente tôla, tem por um palrador, ha uma rara discreção que vem do habito de uma carreira onde o segredo profissional se exerce a todo o momento.

Entre as ruinas do seu guarda-roupa de diplomata, as centenas de camisas, os milhares de gravatas, a floresta das badines, o seu archivo de chapeus, melhor sortido que o *Christy*, encontrei uma formosissima peça de theatro, prompta, esplendidos versos, preciosos apontamentos.

Foi um oásis de litteratura, um banho de arte n'esta travessia sombria da politica. De figura, o mesmo: a ancha cara escanhoada, o cabello negro dando a volta á fronte, e a mesma elegancia, desde os nós da manhã ás meias de sêda, e ao sapato decotado com que descia por imaginarias alcatifas como se em vez do ponderoso caldo galêgo o esperasse antes o Salmão do Grã-Duque, e um escudeiro de libré o fosse servir, substituindo o *Rámon*.

— «Grande amigo! — exclamava, uma vez, ao cahir da noite — Vinde ao meu balcão. A bahia illumina em nossa honra!...» — e apontava soberbamente o pontilhado das luzes, recortando a enseada famosa desde o caes até á timida povoação de Cangas, e á menisca de Marin.

Uma manhã, reclamou-me, e, levando-me á varanda da sua habitação, a um impiedoso sol, affirmou, indicando um realejo que na rua, esmoia o seu desdentado disco:

— «A alma da Hespanha! Está dentro d'aquelle *organillo!...*»

Ah! mas assim como por entre as suas rumas de calças, que preenchem malas profundas como porões de transatlanticos, eu dei com manuscriptos, sábia e sybaritamente polidos sob as frondes de Mondariz, á hora a que os males elegantes dos acquistas da côrte já as não infectam e desarrumam, entre essas phrases, essas tiradas de Augusto Rosa escriptas por Pallerau, eu fui dar com o mais puro dos sentimentaes e o mais grave dos homens.

Logo que se lhe propõe o assumpto respeitavel, a voz, a *mascara* morena de Petronio, que até alli sorria e desfazia, toma o vinco da convicção, e, como a situação psycologica d'uma

galeria de personagens que muda repentinamente d'um acto para o outro, desenrolando a acção e a these, todo elle é outro.

O Conde de Selir — Os seus jantares na Haya — A sua demissão.

José de Faria Machado teve uma d'essas sympathicas transicções, quando se fallou no Conde de Selir, com quem elle serviu na legação Portugueza do Rio de Janeiro.

— Pouca gente em Portugal conhecia o meu ministro! Mas eu, que servi com elle, posso e tenho muito prazer, hoje sobretudo, que elle é fallecido, em affirmar que era uma pessoa de valor. O Conde de Selir foi um *gentleeman* e um grande *diplomata*. Os seus jantares em Haya marcavam pela elegancia e pelo bom gosto. Os seus cozinheiros, que ganhavam mais do que um addido de legação, crearam lenda entre os comilões do Prótocollo. Assim que recebemos a communicação de mudança do regimen, o Conde de Selir resolveu logo apresentar a sua demissão. Pedi-lhe que no mesmo telegramma apresentasse tambem a minha, e o D. Sebastião Lencastre (Alcaçovas) que no Rio estava tambem de secretario, telegraphava-me de Buenos-Ayres a fazer o mesmo pedido. O Selir disse-me que o procedimento d'elle me não obrigava a fazer o mesmo, mas eu insisti. N'esse dia jantei com o Conde de Selir, a cuja meza os secretarios tinham sempre o seu talher.

— E elle, triste?

— Triste pelo acontecimento, pelo que n'elle havia de desastroso para o paiz (e ninguem o podia avaliar melhor do que os diplomatas!) mas, pessoalmente, moralmente um *dandy!* Fomos como sempre servidos pelo escudeiro inglez, do conde, de libré e calção; o Selir tomou como sempre a sua *cap* de *champagne* legitimo, e ao accender o seu apreciavel charuto *upman*, disse-me: *Tenho trinta mil francos para o resto da minha vida!*

— Chegaram-lhe, decerto. Pouco mais viveu.

— Seis mezes depois morria. Mas quando elle dava o balanço á sua carteira, tanto sabia se duraria seis mezes se seis annos. E era o *dandy*, o *gentleeman* perfeito, aquelle homem que tendo dado n'esse dia a sua demissão de ministro plenipotenciario, assim me dizia, entre duas distrahidas baforadas do *havano*, brincando com o monóculo, e prestando mais attenção á sua casaca do que á sua situação: «... *trinta mil francos para o resto da minha vida!*»

— E' bonito ver morrer um homem de pé!

— De pé, e de casaca!

Os serviços diplomaticos do Conde de Selir.

— E como diplomata, qual foi o valor do Selir?

— Valiosissimos serviços! E' elle que em Paris, simples encarregado de negocios, no momento doloroso para nós que se succede á... sahida de Emygdio Navarro, é o Selir que, valendo-se da sua amizade pessoal com Perrier, consegue reorganisar a commissão internacional dos credores, e salvar o paiz d'aquella temerosa embrulhada financeira. Ministro em Haya, restabelece as nossas relações e negocia o tratado de Timor.

— E no Brazil, chegou a fazer situação?

O Conde de Selir e o Barão de Rio Branco.

— E que situação! verdadeiramente excepcional! o Barão de Rio

Branco estimava-o e considerava-o extraordinariamente. Nenhum outro diplomata entrava tão á vontade no palacio de Itamaraty... Um dia, o ministro de... farto de pedir uma audiencia, foi valer-se do Conde de Selir, para lhe tratar do assumpto, junto do Barão, e conseguiu ser recebido!

— Era interessante a figura do Rio Branco?

— Então não era! Era realmente um homem superior, mas um grande distrahido. Não tinha horas de comer, nem horas para dormir. O seu gabinete era curioso e dava a nota do seu espirito.

O gabinête do Barão de Rio Branco — Aspecto curioso do grande diplomata brazileiro.

— Ora descreva.

— Um enorme salão; ao meio uma meza larga, pejada de papeis, de livros, de jornaes, e n'uma das pontas uma pasta negra que já não fechava. Alli trabalhava o diplomata. Fumava, e bebia *Lombadas*, sumido entre livros e *dossiers*. Não havia uma cadeira que não tivesse livros. Um dia, o encarregado de negocios de Austria foi visital-o, mas não tinha onde sentar-se. O Barão insiste e o diplomata aponta a cadeira cheia de papeis. « *Sente-se, sente-se,* — diz-lhe o Barão, — *isso não vale nada!* » Era um memorandum que a Legação d'Austria lhe enviara n'essa mesma manhã.

Os vinhos portuguezes no Brazil.

— E o Selir gozava, junto do Rio Branco, apenas d'uma estima pessoal, ou de consideração como diplomata?

— Tinha uma alta situação de apreço. Os trabalhos do Selir eram lidos no ministerio das Relações Exteriores com immenso acatamento. A sua *Memoria* sobre os nossos vinhos, que deve existir archivada na Legação, é um magnifico trabalho. Selir reconhecia que era quasi impossivel conseguir um tratado de commercio, por falta de bases. Quasi todos os productos brazileiros, que poderiamos favorecer, existem nas nossas colonias... Restava-nos o assucar, e esse mesmo inutilisado pelo tratado com a França. O Conde de Selir não desanimou e foi conseguindo leis internas que protegessem os vinhos portuguezes. Depois de denunciada a convenção juridica, os nossos interesses nem sempre foram favorecidos. Pois, Selir arrancou ao ministro da Justiça uma lei que attenuava e melhorava a nossa situação.

O Reconhecimento da Reblica pelo Brazil — Attenção do Brazil com S. M. El-Rei, o Senhor D. Manuel — O ministro do Brazil em Londres vae a Woodnorthon.

— Vamos agora ao reconhecimento da Republica Portugueza pelo Brazil.

— Proclamada a Republica, Rio Branco disse ao Selir que o Brazil não a reconheceria logo. Mas a maçonaria mecheu-se e por outro lado o João de Souza Lage, proprietario do *Paiz*... conhece?

— Sou amigo pessoal d'elle, ha muitos annos. E' um *gentleeman*, com uma justa situação no Brazil. Foi republicano desde Coimbra. Proclamado o regimen, ajudou quanto pôde, e póde muito, os republicanos portuguezes. Hoje não sei se já terá reco-

nhecido que empregava mal a sua força.

— Pois, o João de Souza Lage, o senador Azeredo e o dr. Bettencourt Rodrigues, que se habilitava para ministro no Brazil, começavam a mecher-se tambem. O Lage arranjou aquella scena cómica do patriarcha Bocayuva, no senado, e tudo falhou. O Rio Branco, ás primeiras *démarches* resolveu (e communicou-nos essa resolução) que pensava consultar os Estados-Unidos, e que o Brazil só reconheceria a republica portugueza quando a America do Norte o fizesse. O embaixador brazileiro em Washington respondeu que o governo de Casa Branca só reconheceria a republica depois de votada uma constituição. Mas veio a armadilha do Senado, e o ministro cedeu... No dia seguinte, acompanhado do seu secretario Moniz Aragão, o Barão do Rio Branco foi á Legação dizer-nos que o governo, em face da manifestação do Senado, tinha que reconhecer. Houve, por parte do Selir, algumas phrases de espirito... amargo, mas o Barão de Rio Branco abraçou-o, e disse-lhe: **Entretanto o Brazil não fará o reconhecimento, sem o governo Brazileiro agradecer, a S. M. El-Rei D. Manuel, a recepção feita ao Marechal Hermes da Fonseca. Telegraphei agora ao nosso embaixador em Londres, encarregando-o de ir a Woodnorthon desempenhar-se d'esta missão.»**

— E o reconhecimento, de facto, só se...?

— Só se effectivou depois do diplomata brazileiro, acreditado em Inglaterra, ter communicado que depuzéra nas mãos de El-Rei os agradecimentos do Brazil. Conhecia este pormenor?

— Julgo-o completamente inedito. Não é o unico que ultimamente me tem vindo ás mãos. Muito breve publicarei outros episodios, absolutamente ineditos, sobre o 5 de outubro. E depois?

O arrear da bandeira azul e branca na nossa legação do Rio de Janeiro.

— Depois, já nada mais tinhamos a fazer alli. A bandeira azul e branca foi pela ultima vez arreada com toda a solemnidade. O ministro e nós, fardados, fizemos a continencia á bandeira real, que desceu então recebendo-a nos braços o Conde de Selir que a beijou, a chorar, como nós todos. Nada mais tinhamos a fazer alli.

A despedida do Conde de Selir—Ultima attenção do Barão de Rio Branco.

— E a partida, como se passou?

— No dia da partida, o Barão interrompeu uma conferencia com o Marechal Hermes, para ir ao Arsenal dar o ultimo abraço ao seu amigo. Sem despedidas, correu ao Arsenal o poder do mundo, o corpo diplomatico, toda a politica, sociedade, colonia, fazendo-nos uma despedida carinhosa. Era a ultima homenagem prestada ao Conde de Selir, cuja carreira diplomatica começára como addido em Vienna, se continuara em Berlim, Roma, Paris, Madrid, Rio de Janeiro, por tres ou quatro vezes, e que contava dez brilhantissimos annos na Haya, já ministro. Já fóra da barra, o Selir mostrou-me um radiotelegramma do Barão de Rio Branco, que dizia pouco mais ou menos o seguinte: « *Renóvo os meus protestos de amisade e consideração, desejando a V. e secretario feliz viagem e felicitando-o mais uma vez pelo nobre gesto de fidelidade.* » Foi a sua ultima gentileza e a ultima por-

taria de louvor ao Conde de Selir que chegou a Lisboa triste e abatido e morria pouco depois.

— O Barão de Rio Branco sabia o que era ser fiel ás suas crenças, e não podia senão estimar mais o Conde de Selir depois de elle ter apresentado a sua demissão de ministro plenipotenciario.

Só os homens de caracter recebem e dedicam d'estas amizades que são a pompa da desgraça.